O processo de fixação do migrante brasileiro em Londres: a importância das práticas cotidianas na elaboração de sua identidade

Gustavo Tentoni Dias

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1427>

DOI: 10.4000/pontourbe.1427

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Gustavo Tentoni Dias , « O processo de fixação do migrante brasileiro em Londres: a importância das práticas cotidianas na elaboração de sua identidade », *Ponto Urbe* [Online], 4 | 2009, posto online no dia 31 julho 2009, consultado o 01 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1427> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1427

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 Maio 2019.

© NAU

O processo de fixação do migrante brasileiro em Londres: a importância das práticas cotidianas na elaboração de sua identidade

Gustavo Tentoni Dias

O imigrante enquanto ator social

- 1 Ao percorrer algumas das ruas e avenidas do principal centro turístico e comercial de Londres, é inevitável que o caminhante atento se surpreenda, não apenas com o forte poder econômico que esta área denota, mas, também, com a variedade linguística emanada do grande fluxo de pessoas que circulam pelas longas calçadas disputando uma “brecha” dentro de uma loja qualquer. Talvez a primeira impressão que o observador tenha seja a de estar imerso em um enorme fluxo de turistas que, atraídos por promoções ou souvenirs, movem-se desordenadamente com sacolas cheias nas mãos e um olhar que mistura surpresa e confusão. Entretanto, se nosso caminhante dedicar maior atenção a este público, que ajuda a tornar o Borough de Westminster um dos locais turísticos mais famosos da Europa e do Mundo, perceberá que a variedade linguística não se faz presente apenas entre as pessoas que caminham rentes às vitrines, mas entre os próprios comerciantes, também. Provavelmente a dúvida que se apresente a este sujeito seja: se a variedade linguística se faz presente não apenas nas calçadas, mas, também, dentro dos próprios estabelecimentos, seriam estes que compartilham a calçada apenas turistas? Ou, assim como os que agora trabalham, os que circulam também fazem parte da vida cotidiana londrina?
- 2 Esta é a sensação que se tem de Londres quando se tenta interpretar seus espaços públicos. A grande quantidade de imigrantes vindos dos mais diversos países, e o grande fluxo de turistas que chegam diariamente à capital inglesa tornam a compreensão do

espaço público londrino e seus habitantes um grande desafio, uma vez que cada pequeno espaço da cidade induz a encará-la como local efêmero, formado, ao mesmo tempo, pela superabundância cultural. Em outras palavras, um espaço contemporâneo de não-lugares. Nas palavras de Marc Augé:

If a place can be defined as relational, historical and concerned with identity, then a space which cannot be defined as relational, or historical, or concerned with identity will be a nonplace (AUGE, 1995, p.77).

- 3 Esta Capital que durante o período imperialista se habituou a promover uma política de expansão de seus padrões culturais e interesses econômicos para além das fronteiras britânicas, teve como práxis desenvolver o contato com o outro no estrangeiro. Contudo, desde o início do fluxo migratório moderno, a partir da segunda metade do século XX, este mesmo outro passou, gradativamente, a migrar de seu território para Londres. E se outrora as fronteiras culturais do inglês com o outro eram estabelecidas no estrangeiro, tendo como base a imposição dos valores britânicos, recentemente elas têm sido redefinidas e constantemente atualizadas dentro do território eu, ou seja, em território inglês, criando um espaço contemporâneo de diferença cultural focada não apenas na pluralidade, mas também nas intersecções.
- 4 Atualmente, o outro passa a ser definido como o migrante que desembarca e embarca diariamente nos principais aeroportos londrinos e que, através de sua estada temporária, traz novos costumes e formas distintas de interpretar a cidade que, pouco a pouco, vão sendo sobrepostas às demais interpretações e, assim, constituem uma territorialidade em estado flexível.
- 5 Assim sendo, esta diáspora internacional, não apenas em Londres mas presente no atual cenário globalizado, produz o encontro das mais distintas identidades - estrangeiras e nativas - em determinados espaços globais-locais. Pode-se considerar este fenômeno um contato doloroso, uma vez que o encadeamento de acontecimentos vem provocando fortes choques de alteridades. Todavia, é possível considerar que esta dinâmica ofereça a chance de vislumbrar como o migrante se autodefine perante o outro e a si mesmo tanto quando se encontra fora de suas fronteiras territoriais como depois que retorna a seu país. E será em meio a este quadro que se encontrará o imigrante brasileiro. Em meio às demais nacionalidades situadas no espaço londrino, este imigrante procura organizar-se e interpretar o local territorializado através de suas práticas cotidianas, a partir do momento em que ele chega. Para isso, desenvolve seus trajetos habituais dentro de um território claramente dividido entre os espaços da casa e da rua e que são compostos pela existência de grupos, redes, sistemas de troca, pontos de encontro e outras mediações que participam efetivamente de seu cotidiano na cidade.
- 6 Este artigo discutirá as especificidades do imigrante brasileiro ilegal, em particular os que compreendem a faixa etária entre 19 e 30 anos de idade. Tal recorte faz-se necessário, porque dentro da “categoria imigrante brasileiro” é possível encontrar ampla variedade de casos que a torna densa demais para ser estudada por completo¹.

O migrante brasileiro “não-documentado”

O processo emigratório e o início da imigração

- 7 A elaboração da identidade do migrante brasileiro começa antes mesmo de ele chegar à capital inglesa, ou seja: inicia-se no próprio território brasileiro. O primeiro momento

deste itinerário será a constituição da sua condição de emigrante. Em outras palavras, é quando o migrante está envolvido com questões relacionadas ao seu deslocamento socioespacial que oferecerão um considerável suporte para que ele tenha o “fôlego” necessário, a fim de enfrentar o que os próprios migrantes chamam de “as primeiras semanas”. Dentre elas destacam-se: a obtenção de uma reserva monetária suficiente para os primeiros dias, compra da passagem aérea, geralmente parcelada junto a uma agência de turismo, compra de vestuário capaz de protegê-lo do frio europeu, a realização de contatos na Inglaterra que podem ser obtidos até por meio de terceiros e coleta de informações básicas sobre costumes e regras do país.

- 8 Nota-se, então, que a emigração, enquanto primeira das duas faces do movimento migratório, é a etapa em que o migrante deixará seu grupo e seu espaço sociocultural para lançar-se em busca de seus objetivos. Mesmo quando estiver envolvido com a outra face da migração, a imigração, ele carregará os signos obtidos durante a elaboração de sua condição de emigrante perante seu grupo. O sentimento de retorno é o que assegurará a ele a certeza de encerrar a condição de emigrante, pois voltará para sua cidade e para junto de seus familiares com o objetivo cumprido. Entretanto, a travessia da sociedade de emigração para a sociedade de imigração não é realizada tranquilamente. O nascimento do imigrante para a sociedade que o recebe depende, exclusivamente, da permissão do visto de entrada junto às autoridades migratórias do Aeroporto Heathrow, principal porta de entrada para os brasileiros no Reino Unido.
- 9 Pelas entrevistas foi possível perceber que este aeroporto é interpretado por muito migrantes brasileiros como a marca simbólica da fronteira entre o Brasil e Londres, uma vez que a autorização para pisar em território inglês é vista como algo difícil de ser obtido. Basicamente, passa-se por uma entrevista e checagem de documentos, logo na entrada, a fim de saber qual é o verdadeiro motivo que os leva a entrar no Reino Unido. Assim sendo, superar as dificuldades encontradas no aeroporto significa atravessar a fronteira entre seu país de origem e a cidade almejada; completar o movimento de emigração e iniciar a outra dimensão deste fato coletivo: a elaboração da identidade de imigrante.
- 10 De fato, o imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território; o imigrante “nasce” nesse dia para a sociedade que assim o designa. Dessa forma, ela se arvora o direito de desconhecer tudo o que antecede esse momento e esse nascimento. (SAYAD,1998, p.16)
- 11 Depois de cumprida esta etapa, os primeiros dias do migrante começam a ser singulares na cidade estranha. Seus sentidos são um misto de espanto e confusão, seja pelo novo cenário e seus atores, seja pelo clima ou, então, pelas dificuldades geradas pelo idioma e pela mudança de fuso horário . Pouco a pouco este migrante vai se ajeitando e organizando os pontos necessários para se mover na vasta rede de imigrantes brasileiros sutilmente espalhada por Londres. Junto com ele, sua identidade de imigrante vai sendo elaborada aos poucos.

A elaboração dos espaços de sociabilidade e suas práticas cotidianas

O espaço da Casa

- 12 Para muitos migrantes a prioridade é localizar um quarto numa casa que tenha moradores brasileiros. Todavia, conforme entrevistas realizadas apontam, uma grande parcela de migrantes já sai do Brasil com um local para ficar em Londres. Em alguns casos, as informações são obtidas através de sites de relacionamentos e sites dedicados a oferecer informações e dicas sobre Londres. Já em outros casos, há migrantes que se valem do auxílio de outros migrantes que já se foram ou ainda estão na capital britânica. É o caso de H.F.M, que em entrevista disse:

Gustavo: Como você conseguiu encontrar esta casa em que você está morando no momento?

H.F.M.: Eu tenho um primo que morou aqui em Londres. Antes de eu sair do Brasil ele me deu umas dicas de como achar pensões baratas e casas de brasileiros e foi isso que eu fiz.

- 13 A primeira casa do migrante geralmente é provisória; ali ele fica hospedado apenas durante as primeiras semanas, tempo necessário para poder se localizar na cidade. Logo esse imigrante prefere buscar um local que atenda suas necessidades de ordem material e simbólica. Dentre elas pode-se citar a questão relacionada ao preço do aluguel, o acesso aos meios de comunicação, a localização da casa e a distância da mesma em relação ao trabalho e, também, as pessoas que habitam a residência.
- 14 O valor do aluguel tem um destaque para o imigrante, principalmente se ele ainda está à procura de um trabalho rentável. Em geral, o locatário busca um valor de aluguel que oscile entre £50 e £80 semanais. Neste valor devem estar incluídos uma cama de solteiro e um armário (em quartos que podem ser divididos por até três pessoas), os gastos com os consumos de água e de energia elétrica e, ainda, a limpeza semanal da cozinha e do banheiro (cômodos utilizados em comum pelos moradores).
- 15 A forma mais popular para o migrante encontrar um local para morar é através das revistas brasileiras destinadas aos próprios migrantes no Reino Unido, que circulam em Londres. Nestes periódicos há um espaço exclusivo para o anúncio de quartos que estão disponíveis para serem alugados. Em geral o locador vale-se de poucas linhas. No título ele especifica o cômodo que está alugando; depois, num pequeno quadro, há informações gerais do que ele tem a oferecer (inclusive a localização e proximidade de linhas do transporte público, eletrodomésticos disponíveis na casa, forma de pagamento, se as contas de água, luz, internet e da limpeza já estão inclusas e, por fim, o telefone de contato).
- 16 Os meios de comunicação que a casa oferece, assim como o valor do aluguel do quarto e a localização do imóvel, são elementos importantes para o migrante, enquanto parâmetros de comparação. O fato de a casa ter um telefone fixo – em alguns casos com planos de ligação internacional – ou, então, acesso a internet é sempre muito bem visto, pois o contato com os familiares no país de origem implicam gastos considerados altos para o migrante, sobretudo se ele tiver que realizar as ligações por meio de cartões telefônicos ou do uso do celular². No caso do telefone fixo, ele possibilita a redução no gasto das ligações. Já no caso da Internet, além de reduzir mais ainda os gastos das chamadas, há a

possibilidade do uso da webcam. Elemento importante para o contato visual com familiares e com amigos. Tal recurso ajuda amenizar o longo tempo de separação que o processo migratório possa levar.

- 17 Há, ainda, com relação à casa, a questão dos moradores e com quem o quarto será dividido. Por meio das entrevistas percebe-se que os habitantes da casa acolhem o novato numa espécie de solidariedade migratória que é constituída em torno do idioma português e dos motivos similares que os levaram a migrar. Além disso, os demais moradores podem assegurar ao novo integrante a inserção gradual na rede de brasileiros; e esse é um ponto essencial, pois indica que entre os imigrantes residentes na casa, há um capital cultural que os dispõe numa hierarquia interna. Como ressalta M.G. em entrevista:

Gustavo: Como você considera a possibilidade de morar com brasileiros que estão há mais tempo em Londres?

M.G.: O bom de você morar em casa de brasileiros que já estão há mais tempo em Londres é que eles já têm as “manhas” de como andar na cidade. Onde comprar as coisas mais baratas, contato de empregos e sabem quem é de confiança e quem é “traíra”.

Gustavo: Foi o caso deste emprego em que você trabalha atualmente?

M.G.: Sim. Ele me levou pra abrir a conta de banco numa agência de um conhecido dele que fala português e tem as “manhas” para abrir a conta. E para os documentos, ele tem contato com uns brasileiros que só mexem com isso.

- 18 Este capital cultural, constituído pela apropriação dos bens simbólicos da cidade e do conhecimento dos “canais” ou “caminhos” é adquirido ao longo do tempo de permanência do migrante na terra receptora. Sendo assim, os migrantes mais velhos possuem o conhecimento necessário para se locomoverem pelos “circuitos” (MAGNANI, 2008) mais importantes da cidade; sabem como abrir uma conta bancária, podem indicar possíveis trabalhos. Usualmente, é este migrante com mais tempo “na London” que auxilia os novatos a se lançarem no espaço público ou, valendo-me do conceito de DaMatta (1984), ajudará os “seus” a saírem da casa e ganharem o espaço público da rua.
- 19 Por fim, pode-se dizer que a casa é o local onde as regras sociais e práticas culturais brasileiras prevalecem, ou seja, comemorações natalinas e de réveillon, festas de aniversário, churrascos e almoços dominicais esporádicos são realizados nos moldes brasileiros, com decorações, pratos e presentes tipicamente da cultura nacional. Em outras palavras, é a tentativa de reproduzir no espaço privado da casa os valores identitários nacionais. Citando uma passagem da entrevista realizada com E.O.:

Gustavo: Como foi a festa de Natal deste ano? Passou na sua casa?

E.O.: Sim, eu e meu namorado ficamos em casa. Foi legal, fizemos um churrasquinho com carne que compramos num açougue brasileiro, tinha feijão tropeiro, cerveja, champanhe, salada de maionese, uma bandeja de frutas e torta de sonho de valsa.

Gustavo: Só havia brasileiros na festa?

E.O.: Só o pessoal de casa e uns amigos nossos. Foi bem gostoso. Só tinha a brasileirada...(risos)

O espaço da Rua

- 20 Como foi dito, após a “superação” da entrada no aeroporto Heathrow e a obtenção de um endereço residencial, o migrante está pronto para buscar seu objetivo principal e que o

trouxe a Londres: o trabalho que lhe oferecerá a a possibilidade de acumular o dinheiro almejado.

- 21 O trabalho, assim com o transporte público, o supermercado, a casa de cambio e os lugares de lazer são os espaços compreendidos no espaço da Rua. Neste território, considerado arriscado uma vez que o migrante, ocasionalmente, encontra-se sem a companhia dos “seus” (e sem possibilidade de utilizar o idioma português para se comunicar), o brasileiro buscará a outra face necessária à elaboração da sua identidade de imigrante.
- 22 Assim como ocorre no espaço privado da moradia, na Rua novos hábitos e códigos de conduta precisam ser assimilados e incorporados o mais rapidamente possível para que ele possa se locomover pela cidade. Entretanto, diferentemente do que acontece no espaço da Casa, na Rua as regras são regidas pelo idioma inglês, do qual a maioria dos entrevistados migrantes detêm apenas o conhecimento mínimo para diálogos breves e estritamente funcionais. Este dado torna o espaço público ainda mais hostil do que aparenta, sobretudo quando há o contato com o outro – o nativo – ou os outros (demais grupos migratórios que também buscam o acúmulo financeiro na capital inglesa).
- 23 No espaço da Rua, o local de trabalho é o ponto onde o imigrante despende a maior parte de seu dia. Com jornadas de trabalho que oscilam entre 40 e 60 horas semanais, muitos imigrantes consideram a quantidade de horas trabalhadas um importante indicador de sucesso, principalmente se o pagamento for feito em “dinheiro vivo”. Através das entrevistas é possível notar que esse raciocínio segue uma lógica clara para a maioria dos imigrantes. Como demonstra H.F.M., que trabalhava como washing up:

H.F.M.: Eu não me importo de dobrar quantas vezes precisar. Quanto mais eu trabalhar aqui, mais cedo eu volto pra minha casa e pra minha família.

A classificação dos trabalhos sob a ótica do imigrante

- 24 Internamente ao grupo existe uma espécie de classificação dos variados tipos de empregos que possam vir a ter em Londres. Basicamente, estes empregos estão divididos em duas categorias: o *emprego* e o *subemprego*.
- 25 Apesar do *emprego* não ser a categoria classificatória em que o objeto de pesquisa em discussão se insere, faz-se necessário apresentá-lo, uma vez que, esta categoria permeia, constantemente, o imaginário e as conversas de migrantes; seja para compará-lo com o tipo de *subemprego* em que eles se encontram ou para comentar as oportunidades e facilidades que um “digno” emprego oferece a quem vive em Londres. Segue, abaixo, tendo como fonte os dados de entrevistas, a construção, por parte dos imigrantes, do que seria classificado como *emprego*.
- 26 *Emprego* é, basicamente, o trabalho exercido pelo próprio cidadão inglês, por cidadãos europeus pertencentes à União Europeia e que residem em Londres ou por indivíduos legalizados e/ou que tenham o domínio do idioma inglês. Neste exercício, o trabalhador teria uma jornada de trabalho de 8 a 9 horas diárias, seguindo uma rotina com início por volta das 9h e final às 18h, tendo os fins de semana livres. Quando perguntado em que consistiria este emprego, a resposta geralmente seguiu uma mesma idéia: uma atividade em que o trabalhador possa ficar sentado a uma mesa, num ambiente calmo e limpo e com um computador e um telefone à sua disposição. Como evidencia a entrevista concedida por J.G.P., que trabalhava como garçom:

Gustavo: Bom, mas agora você está gostando deste emprego?

J.G.P.: Emprego?! Isso aqui não é emprego, isso aqui é trabalho. Emprego é diferente; você trabalha com prazer e usa o cérebro. Isso aqui, não.

- 27 Também é considerado relevante, pelo imigrante, nesta categoria de trabalho, a possibilidade de executá-lo “arrumado”, “engravatado” ou “maquiada”, além de ter os finais de semana livres, o possibilitando sair para jantar ou, simplesmente, reunir os amigos para uma cerveja ou um churrasco. Na entrevista realizada com uma brasileira que trabalhava como runner num restaurante localizado no centro de Londres, esta declarou:

E.T.: É difícil de reunir os amigos e até de encontrar o meu irmão e a esposa dele.

Gustavo : Por quê?

E.T.: Aqui a gente trabalha de final de semana; não dá tempo de encontrar o pessoal ou fazer alguma coisa. Se você quer alguma coisa assim, tem que planejar um mês antes (risos); daí todo mundo se organiza pra se ver e ter offs³.

- 28 Por meio desta curta apresentação do que seriam as principais qualidades de um emprego segundo o imaginário do imigrante, podemos notar que há uma série de características relacionadas aos tipos de atividades associados às classes média e alta no Brasil. Um tipo de trabalho na qual prevalece o uso das habilidades intelectuais e não a força física.
- 29 O *subemprego*, por sua vez, caracteriza-se por atividades em que se inserem estudantes de inglês, imigrantes legalizados que não detêm o domínio do idioma local e o grupo aqui apresentado, o dos imigrantes ilegais. Neste tipo de trabalho o imigrante cumpre uma longa jornada de trabalho semanal, com duração de 7 até 10 horas por dia, e, em muitos casos, com um ou mais dias doubles na mesma semana. Além disso, como muitos destes trabalhos são vinculados ao setor de gastronomia, os dias de mais trabalho correspondem aos finais de semana. O que significa que os offs quase sempre ocorrem no meio da semana.
- 30 Conforme aponta o relatório *Brasileiros em Londres: relatório para a campanha De Estrangeiros a Cidadãos (Strangers into Citizens)*, realizado por pesquisadores do Departamento de Geografia do Queen Mary, no ano de 2007, 63% dos brasileiros (de ambos os sexos) trabalham em período integral (de 35 a 48 horas) em atividades relacionadas a limpeza (conhecidas como cleaners), hotéis e restaurantes, courier/motorista, construção civil e babá/au pair. É importante ressaltar que cada uma dessas atividades apresenta uma distribuição sexual considerável que, provavelmente, atende a questões de força e valores socioculturais, não só do contratante, mas do próprio imigrante brasileiro.
- 31 Diferentemente do que usualmente ocorre no emprego, no subemprego o imigrante exerce funções em que a aparência pessoal não tem relevância de primeira ordem. Compreende atividades em que o uso de maquiagem não é necessário, o cabelo precisa estar preso ou devidamente coberto e, em geral, veste-se uniforme oferecido pelo próprio empregador. Nota-se, assim, que se trata de ocupações funcionais, em que a personalidade muitas vezes precisa ser ocultada. Como sugere a entrevistada abaixo:
- E.G.:** Aqui, neste tipo de trabalho, a gente veste sempre a mesma roupa, tem que deixar o cabelo preso e não pode usar maquiagem do nosso jeito. É sempre a mesma coisa.
- 32 O local de trabalho é, também, espaço da diferença, do contato do imigrante brasileiro com o outro – o inglês – ou com os outros – demais grupos imigratórios. Por intermédio deste pode-se encontrar elementos de grande valia para o entendimento da composição identitária do imigrante brasileiro em Londres, pois é neste contato que as fronteiras

étnicas (BARTH, 1998) são afirmadas e constantemente reafirmadas através da experiência de alteridade. Pelas entrevistas é possível divisar a visão que o imigrante brasileiro constrói de si próprio, baseada no contraste com os ingleses e demais nacionalidades, que compõem o fluxo migratório londrino.

- 33 Valores sociais como amizade, sensualidade, alegria no trabalho, resistência física e até o “jeitinho brasileiro” estão sempre presentes quando se pergunta sobre as principais características do brasileiro, se comparado com o estrangeiro. Conforme evidencia a entrevista realizada com V.G.:

Gustavo: Na sua opinião, o que diferencia o brasileiro das demais nacionalidades?

V.G.: O brasileiro é um povo mais alegre pra trabalhar. A gente atende melhor as mesas dos clientes, sorrimos naturalmente e, se tem algum problema, a gente sabe resolver na hora.

Gustavo: Como assim?

V.G.: O europeu é muito duro e certinho; tudo tem que ser daquele jeito e pronto. Nós não; a gente sempre tem um jeitinho pra dar certo.

Pelas entrevistas também é possível observar a elaboração da identidade brasileira por meio do trabalho. Conforme evidencia um imigrante brasileiro que trabalha como *chef de partie* num movimentado restaurante no sudoeste de Londres:

J.P.A.: Então, você acha que algum inglês conseguiria trabalhar 50 horas semanais num lugar que nem este? Ganhando o que a gente ganha e vivendo nestas condições? Isso aqui é trabalho pra brasileiro e polaco.

Gustavo: O que você quer dizer com isso?

J.P.A. O brasileiro tá acostumado com a vida difícil no Brasil e nós estamos aqui para ralar. Pra nós não tem tempo ruim; olha o nosso caso aqui na cozinha: pode estar o *busy* que for e a gente ainda tá brincando um com o outro e ouvindo um *forrozinho*.

- 34 Por meio destes dois fragmentos de entrevistas pode-se notar que o imigrante brasileiro se considera uma “raça” apta ao trabalho pesado e que é “naturalmente” alegre e amigo. Essas são qualidades, juntamente como a “humildade”, fundamentais para quem quer alcançar seus objetivos “na London”. Nota-se, então, que o migrante brasileiro procura elaborar uma identidade contrastiva em relação ao inglês e as demais nacionalidades em torno de qualidades que o próprio grupo julga serem características particulares da identidade brasileira. Nos casos dos entrevistados, pelo fato de não dominarem o idioma inglês, foi possível notar que boa parte da construção da imagem do outro ou dos outros é elaborada em torno de elementos colhidos deste imaginário social, que a própria rede migratória brasileira cria e difunde pelos seus mais diversos pontos. Dessa forma, o migrante brasileiro se fecha em torno destes valores identitários tidos como “naturais” para se diferenciar e até se proteger em relação às demais identidades.
- 35 A Rua é, então, um espaço hostil, em que o uso do idioma inglês é inevitável, o contato com o outro ou os outros será feito e onde estão presentes códigos e condutas considerados estranhos por estes imigrantes. Além disso, a Rua é o local onde, a qualquer instante, os agentes do *Homme Office* ou, em linguagem do próprio grupo, os “homens de preto” podem aparecer.
- 36 Pelo que foi apresentado acima, torna-se evidente que o espaço privado da Casa e o espaço público da Rua representam duas importantes esferas sociais para a elaboração da identidade do migrante brasileiro em Londres. Todavia, as práticas cotidianas do migrante não se condicionam apenas em torno da casa e do trabalho. Na medida em que suas relações sociais vão sendo ampliadas – não só na rede de migrantes brasileiros, mas entre outras nacionalidades também –, seu conhecimento acerca do espaço geográfico vai

se tornando seguro e seu tempo de permanência vai sendo estendido. O migrante passa a desenvolver outras práticas sociais, não se resumindo mais apenas ao trabalho e aos limites domésticos. Estas atividades estariam diretamente ligadas ao lazer.

- 37 Frequentar bares, boates, parques públicos e centros turísticos também faz parte das práticas cotidianas do imigrante brasileiro em Londres. Entretanto, não qualquer bar e boate ou qualquer horário ou dia da semana. Percebe-se que os brasileiros, como outros grupos migratórios presentes na capital britânica, buscam locais que contenham elementos da cultura brasileira (música, bebida e comida) e sejam frequentados pelo próprio grupo migratório. Essas são condições importantes para o imigrante relaxar depois de um dia ou de uma semana de trabalho. Como beber uma cerveja ou refrigerante brasileiros, curtir músicas nacionais e poder conversar à vontade em português com os “chegados” ou com outros brasileiros que estejam vivenciando as mesmas experiências. Estes locais de sociabilidade seriam os espaços conhecidos como pedaços.

O pedaço

- 38 Os pedaços são espaços essenciais para o imigrante buscar a afirmação dos seus códigos sociais, seus símbolos culturais e, ainda, compartilhar com os demais, que também fazem uso do mesmo. O que lhe permite reforçar suas fronteiras étnicas ao se sentir “brasileiro”. Contudo, como demonstra Magnani, tais símbolos e códigos culturais devem ser utilizados corretamente:

Pertencer a essa rede implica o cumprimento de determinadas regras de lealdade que funcionam também como proteção, inclusive quando as pessoas aventuram-se para o desfrute de lazer fora do pedaço, como acontece com disputas de futebol em outros bairros, excursões, idas a salões de baile ou a outros equipamentos de lazer situados em pontos afastados do bairro. [...] Pessoas de pedaços diferentes, ou alguém em trânsito por um pedaço que não o seu, são muito cautelosas: o conflito, a hostilidade estão sempre latentes, pois todo lugar fora do pedaço é aquela parte desconhecida do mapa e, portanto, do perigo (MAGNANI, 2008, p.32)

- 39 Os pedaços frequentados por imigrantes brasileiros em Londres seguem a mesma lógica dos pedaços instituídos nos centros das grandes metrópoles brasileiras, ou seja: as redes de sociabilidade não são firmadas essencialmente através das relações familiares ou de vizinhança. Estes pedaços estão presentes em diferentes espaços urbanos da capital inglesa e podem ser caracterizados como sendo restritos ou abertos ao público.
- 40 No primeiro caso, o dos restritos, temos como exemplo os churrascos de final de semana, os jogos de cartas acompanhados de cerveja na casa de “algum conhecido” ou de “um conterrâneo” e as “peladas” em determinados parques públicos londrinos. A maneira com que tais atividades são organizadas entre os frequentadores segue, basicamente, a mesma ideia: Durante a semana são trocadas, constantemente, mensagens de texto por celulares para saber em que dia a maioria terá um off em comum e, assim, poderá se reunir. Em muitos casos, como a reunião de todos é difícil, o grupo programa o evento algumas semanas antes, para dar tempo a todos de organizarem, antecipadamente, suas respectivas escalas de trabalho de forma a ter o dia de folga em comum.
- 41 No segundo caso, os pedaços abertos ao público são compostos, basicamente, por bares, clubes de danças, restaurantes e encontros de grupos religiosos. Esses são locais que têm abertura ao público em geral. Contudo, a principal clientela é composta por brasileiros e, assim como os pedaços de caráter restritos, tem em comum o fato de serem locais que

promovem práticas culturais brasileiras. Estes espaços são, também, importantes categorias de reflexão acerca da composição do cotidiano do imigrante e de sua identidade, pois auxilia a eliminação de uma possível visão estereotipada deste indivíduo enquanto ser que elabora sua identidade, essencialmente, em torno do trabalho.

- 42 Como se pode ver, os momentos de lazer não podem ser considerados apenas por seu lado instrumental, passivo e individualizado – reposição das energias gastas no processo produtivo. Isto porque, como a análise da categoria pedaço permitiu verificar, existe um componente afirmativo referido ao estabelecimento e reforço de laços de sociabilidade, desde o núcleo familiar até o círculo mais amplo que envolve amigos, colegas, “chegados” (no âmbito do pedaço) e desconhecidos (fora do pedaço) (MAGNANI, 2008, p.33).
- 43 Em outras palavras, os pedaços garantem uma espécie de higiene mental, pois auxiliam o imigrante a esquecer a rígida rotina do trabalho, além de – como algumas entrevistas evidenciaram – esquecer sua condição de imigrante. E, assim, passar um tempo junto de amigos e “camaradas” que compartilham situações similares, trabalham ou trabalharam juntos por um tempo, são provenientes da mesma cidade ou, de alguma forma, “deram uma mão” no início. É a oportunidade de afrouxar as relações impostas no dia-a-dia e sociabilizar-se enquanto brasileiro.

Gustavo: E como foi o seu final de semana?

E.O.: Foi muito bom. Eu estava de *off* e no sábado à noite, depois do trabalho, fui no Barracuda.
[...]

Gustavo. Você foi sozinha?

E.O.: Fui com o meu namorado e encontramos uns amigos nossos. Só casais.

Gustavo: E por que vocês gostam de ir lá?

E.O.: É muito bom pra dançar a noite toda; a gente pode ir toda produzida e maquiada.

Gustavo: E como é o pessoal que vai lá?

E.O.: A maioria é brasileiro; mas tem gente de todas as raças.

- 44 Por meio do que foi apresentado acima, é possível notar que o lazer, para o imigrante brasileiro, não está ligado, essencialmente, ao desfrute da cultura inglesa ou da cultura universal que a cidade oferece através de museus, galerias, monumentos históricos e pontos turísticos. Esses tipos de espaços são requeridos pelo turista que vem com este objetivo estrito. Em conversas realizadas com imigrantes é perceptível que, em alguns casos e, sobretudo nos primeiros meses, o imigrante busca estes espaços enquanto ainda se vê como turista e a elaboração do cotidiano imigratório não foi realizada por completo. Entretanto, na medida em que o tempo passa e sua identidade de imigrante vai cada vez mais ficando intrínseca por meio das práticas cotidianas apresentadas acima, seus hábitos também mudam. A busca por lazer passa a ser uma possibilidade de resgatar o que ficou para trás; o que foi deixado em seu país de origem e que, de alguma forma, ajuda a amenizar as saudades.
- 45 Quando o imigrante decide que é hora de regressar ao Brasil e retomar sua vida, ele passa a afrouxar os laços com a comunidades brasileira e, aos poucos, as obrigações rotineiras que ele vem tendo, constantemente, em Londres. Dessa forma, passa a comprar vestuário e calçados para levar para o Brasil, aparelhos eletrônicos e presentes para familiares e amigos mais próximos e procura visitar os pontos turísticos da capital inglesa, voltando à condição inicial. Como revela J.G.P., em entrevista:

Gustavo: E como estão os preparativos para retornar ao Brasil?

J.G.P.: Falta pouco; menos de dois meses. Eu tô comprando as coisas aos poucos. A mala que eu vou levar para o Brasil já tá debaixo de uma mesinha, lá no meu quarto, toda montada.

Gustavo: Montada? Como assim?

J.G.P.: Já comprei as camisas que eu quero levar, umas camisas de futebol, três pares de tênis e mais algumas coisas. Sabe, moço, fiquei ralando na London por três anos e meio e agora no final não vou curtir? Pode parecer besteira, mas sempre tive o sonho de ter camisa de futebol. Se eu não aproveitar agora, quando é que eu aproveito?

[...]

Gustavo: E o que você tem feito nos seus dias de off?

J.G.P.: Comprei uma máquina digital e tô aproveitando pra ir nos museus, nos lugares famosos da cidade que eu ainda não fui.

Gustavo: Quais, por exemplo?

J.G.P.: Imagina: tô aqui há mais de três anos e meio e não conhecia o Big Ben. Não tinha dado uma volta de barco no Tâmesia. Fui tirar umas fotos de Picadilly e dos parques perto de casa.

Uma visão atenta aos dos espaços sociais frequentados pelos imigrantes brasileiros mostra-nos que, apesar deles viverem e participarem socialmente na capital inglesa, a apropriação espacial que fazem deste território atende às suas necessidades básicas e por isso, é muitas vezes, funcional. As fronteiras entre a casa e a rua (e os pedaços) são claras para o imigrante e ele dificilmente procura avançar além delas. Dado ao fato de que, caso ele saia dos espaços em que se sente em segurança e onde tem conhecimento suficiente para se mover é inevitável o contato com o outro ou os outros.

46 Os trajetos

- 47 Os caminhos que ligam os locais frequentados compreendem os trajetos. No caso do objeto de pesquisa apresentado neste artigo, os trajetos ligam os diferentes, porém limitados, espaços sociais que os imigrantes percorrem, diariamente, em Londres. Abrem os espaços da casa, do trabalho e dos pedaços para o âmbito público de forma a oferecer segurança ao imigrante sem a sensação de constrangimento.

O termo trajeto surgiu da necessidade de categorizar uma forma de uso do espaço que se diferencia, em primeiro lugar, daquele descrito pela categoria pedaço. Enquanto esta, como foi visto, remete a um território que funciona como ponto de referência – e, no caso da vida no bairro, evoca a permanência de laços de família, de vizinhança, origem e outros – trajeto aplica-se a fluxos no espaço mais abrangente da cidade e no interior das manchas urbanas. Não que não se possa reconhecer sua ocorrência no bairro, mas é justamente para pensar a abertura do particularismo do pedaço que esta categoria foi elaborada. É a extensão e principalmente a diversidade do espaço urbano para além do bairro que colocam a necessidade de deslocamentos por regiões distantes e não contíguas: esta é uma primeira aplicação da categoria: na paisagem mais ampla e diversificada da cidade, trajetos ligam pontos (...) (MAGNANI, 2008, p.43)

- 48 Os trajetos são fluxos que vêm sendo elaboradas constantemente pela rede migratória brasileira ao longo dos anos, transmitidos oralmente e mais tarde readaptados pelos novos integrantes e, por isso, dotados de sentido e orientação especificamente para aqueles que o utilizam. E que “ao circunscrever pontos socialmente reconhecidos como relevantes na dinâmica urbana, servem de referência para as atividades que compõem o cotidiano” (MAGNANI, 2008). Usualmente, é possível ver imigrantes que estão a mais tempo na cidade guiando algum novato que acabou de chegar. Esse é o caso de E.O., que tem vivido em Londres há aproximadamente 3 anos e, recentemente, tem ajudado sua irmã, recém-chegada, a se locomover pela cidade.

E.O.: Direto ela me liga pra pedir informação de ônibus ou metrô e às vezes eu ligo pra ela, pra saber se ela esta perdida ou não.

Gustavo : Mas ela já esta indo para o trabalho sozinha?

E.O.: Sim; nas primeiras semanas eu saía mais cedo de casa pra levar ela até lá.

Agora ela pega a Picadilly e os ônibus certos sozinha.

- 49 Dessa forma, esses caminhos compõem um outro elemento na elaboração da identidade do migrante, que merece ser refletido de forma cautelosa. Apesar de parecerem óbvios, eles ajudam na compreensão das demarcações fronteiriças realizadas pelo migrante na cidade e na elaboração do cotidiano do mesmo, uma vez que estes caminhos são percorridos diariamente.
- 50 Os trajetos são realizados com o uso do transporte público londrino. Este sistema de transporte é constituído, basicamente, pelos ônibus e pelo metrô e ambos têm a capacidade de cobrir toda Londres. O que possibilita ao migrante brasileiro se locomover com facilidade para qualquer ponto que deseje.
- 51 Em geral, o imigrante brasileiro, sobretudo o novato, opta pelo uso do ônibus, pois além de ser mais barato e possibilitar a locomoção sem restrições por todas as zonas da cidade é, também, considerado pelo grupo como mais seguro do que o uso do metrô, no qual constantemente há fiscalização nas catracas de entrada e saída junto às estações, checando documentos. Algo que, segundo eles, não ocorre nos ônibus.
- 52 Já o metrô é costumeiramente utilizado por aqueles que estão na cidade há mais tempo. Seja porque seu trabalho disponibilize uma renda que lhe permita gastar mais com o uso deste tipo de transporte, seja porque o cotidiano e o dia-a-dia fazem com que alguns tabus iniciais sejam superados e a necessidade de se locomover de forma mais rápida seja vista como fator de primeira ordem.
- 53 Dentre suas qualidades estaria o fato do imigrante ter uma noção completa dos espaços dentro da cidade, pois ele pode se locomover com o auxílio dos inúmeros mapas da malha metroviária londrina que estão fixados nas estações de metrô ou com pequenas cópias que podem ser pegadas gratuitamente na entrada de cada estação. Isso faz com que, em muitas situações, o uso do metrô seja visto como de emergência para alguma eventualidade, enquanto o do ônibus para algo rotineiro, caso daqueles que se valem basicamente do ônibus.
- 54 **Conclusão**
- 55 Por meio da apropriação interpretativa que o migrante brasileiro faz de Londres e da elaboração de espaços sociais particulares do grupo, pode-se perceber como o diálogo desenvolvido entre cenário e atores (MAGNANI, 2008) gera um cotidiano responsável por elaborar, diariamente, a identidade do próprio imigrante. Entretanto, não se trata de um contato realizado apenas com o cenário, mas com o outro ou os outros atores que também circulam por este cenário. No caso, os próprios ingleses e demais imigrantes de variadas nacionalidadesque, como os brasileiros, buscam seus objetivos.
- 56 A elaboração desta identidade tem início no espaço privado da Casa, mesmo que, muitas vezes, ela seja estranha e não lembre em nada o “cantinho” deixado no Brasil. Ainda assim, é o local onde o imigrante pode encontrar os seus. Na Casa as práticas sociais prevalecem e os moradores seguem uma espécie de hierarquia interna, pautada no capital cultural dos moradores que estão há mais tempo em Londres. Estes imigrantes serão os responsáveis por apresentar o cenário e o script aos novatos.

- 57 Como foi demonstrado, outro importante elemento na composição identitária do imigrante é o espaço público da Rua. Diferentemente da Casa, o estranhamento da Rua não se limita à arquitetura, mas às regras sociais e pela vasta multidão de estranhos que circula, diariamente, por suas vias. Trata-se do campo onde a hierarquia regrada pelo “você sabe com quem esta falando?” (DA MATTA, 1991) se dissolve e os jogos diários das perdas e ganhos são realizados. Aqui o recém-chegado deverá aprender a se locomover pelos trajetos conhecidos e interpretar seus códigos sociais o mais breve possível para poder começar a trabalhar e enviar, regularmente, dinheiro ao Brasil. Todavia, foi demonstrado que este imigrante não é um indivíduo confinado ao trabalho. Pelo contrário, através dos mais variados espaços de lazer criados sob a ótica da sua cultura, o migrante também interage com a cidade e cria os seus pedaços. Áreas onde ele terá a oportunidade de relaxar e, através de atividades lúdicas, esquecer a pesada rotina do dia-a-dia, descontraindo-se em meio aos demais brasileiros, sonhando com o dia do retorno e, assim, revigorando o seu ânimo para o próximo dia.

BIBLIOGRAPHY

AUGÉ, Marc *Non-places*: Introduction to an Anthropology of Supermodernity, London: Paperback, 1995.

BOURDIEU, Pierre Um analista do inconsciente. In: SAYAD, A. *A Imigração ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1991, p.09-23.

Brasileiros em Londres: relatório para a campanha “De Estrangeiros a Cidadãos” (Strangers into Citizens). Department of Geography, Queen Mary, University of London. Disponível on-line. Capturado em: 14 mai 2009

DA MATTA, Roberto. *A Casa e a Rua*: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil, Rio de Janeiro: Guanabara, 1991.

MAGNANI, José Guilherme C. O lazer na cidade. Disponível on-line in: Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo Capturado em: 5 abril 2009

MAGNANI, José Guilherme C. Os circuitos dos jovens urbanos. Disponível on-line in Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo Capturado em: 23 mar. 2009

MAGNANI, José Guilherme C. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Disponível on-line in: Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo Capturado em: 5 abril 2009.

MAGNANI, José Guilherme C. & TORRES, Lilian de Lucca (orgs.). *Na metrópole*: textos de Antropologia Urbana. São Paulo: EDUSP, 2008.

RIGAMONTE, Rosani. *Sertanejos contemporâneos*: entre a metrópole e o sertão. São Paulo: Humanitas, 2001.

SAYAD, A. *A Imigração: ou os paradoxos da alteridade*. São Paulo: Edusp, 1991.

WEBGRAFIA

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo – Artigos

NOTES

1. Dentre os grupos que compreendem a categoria imigrante brasileiro em Londres, é possível dizer que eles são subdivididos em dois grupos: os portadores do *entry clearance* e os não portadores. No primeiro subgrupo estariam inclusos os estudantes com visto de *Student*, o trabalhador com visto de *Work Permit* e o dependente de cidadão europeu pertencente à Área Econômica Europeia, que porta o visto *European Economic Area*. Salvo suas particularidades, que não vêm ao caso aqui, este subgrupo tem em comum a possibilidade do exercício de atividade remunerada (no caso do estudante, a permissão é de apenas 20 horas semanais), o uso dos serviços de Saúde Pública (NHS) e o visto pode ser prorrogado. Já no segundo subgrupo estariam incluídos os portadores do visto de turista e os estudantes com o visto de *Student Visitor* (cursos com duração de até seis meses). A estes não é permitido o exercício de atividade remunerada; o uso do NHS é permitido apenas em casos emergenciais, como acidentes nos quais haja risco de vida, e não é autorizada a prorrogação do visto. Em geral, o imigrante ilegal se encaixa neste subgrupo, pois estas são consideradas as categorias de vistos mais baratas e rápidas a serem aplicadas e não exigem tanta documentação quanto os demais tipos de vistos exigem.

2. O aparelho telefone celular é um dos primeiros e principais bens adquiridos pelo imigrante que chega a Londres. Será através deste meio de comunicação que ele poderá fazer contato com os familiares que estão no Brasil e estará acessível na rede migratória brasileira na cidade. A manutenção da linha pode ser feita através de contratos anuais, pelos quais o assinante deve pagar um valor mínimo mensal ou, então, pela compra de créditos para o aparelho telefônico. Ele o recarrega sempre que o crédito acabar. Para quem depende do uso do celular para fazer ligações para o Brasil, o valor da manutenção é sempre muito alto. Além disso, este aparelho telefônico é essencial para o imigrante tornar-se acessível para vagas de emprego que circulam informalmente pela rede, trocar informações sobre a cotação do Real nas casas de câmbio espalhadas por Londres, manter o contato dos mais “chegados”, organizar encontros e mesmo solicitar ajuda. Conforme H.F.M. e M.G. demonstraram em entrevista, muitos contatos de brasileiros que eles têm na agenda do aparelho telefônico nunca foram usados ou sequer conhecem a pessoa. São contatos transmitidos por terceiros e que por estarem a mais tempo em Londres ou serem aptos para arrumar empregos são considerados úteis num futuro incerto.

3. A prática do empréstimo linguístico é algo recorrente por parte do migrante brasileiro em Londres. Basicamente, palavras da língua inglesa que fazem parte de seu cotidiano são incorporadas à fala e, em alguns casos, readaptadas em forma de adjetivos, advérbios e até verbos, segundo as regras gramaticais portuguesas. É o caso da palavra *off* – que tem o sentido “estar de folga”. É comum ouvir-se frases do tipo: “hoje estou de *off*”; “quando você tem *offs* nesta semana?”

AUTHOR

GUSTAVO TENTONI DIAS

Mestre em Antropologia pela Universidade Federal de São Carlos. Membro do GEB (Grupo de Estudo sobre Brasileiros no Reino Unido), situado em Londres
tentonidias@yahoo.com.br